

A MORTE E O LUTO COMO VIA DE ACESSO DO EVENTO AO ORDINÁRIO:
UMA ETNOGRAFIA DE VIVÊNCIAS PANDÊMICAS

Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias
28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Gustavo Andly Brás Silva¹, UFRR, Brasil

Manuela Souza Siqueira Cordeiro¹, UFRR, Brasil

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19; Luto; Etnografia digital

Introdução:

A pandemia de COVID-19 se tornou uma realidade cotidiana global desde que a doença foi elevada ao status de pandemia em março de 2020. Antes um evento localizado na cidade de Wuhan, na República Popular da China, e mesmo caracterizada, em janeiro de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), gradativamente a COVID-19 tomou contornos globais (OPAS, 20--?). Essa realidade se tornava cada vez mais próxima do cotidiano da população brasileira, forçando extensas e profundas modificações no cotidiano. Isto é, foram implementados o fechamento de mercados, escolas, espaços coletivos, distanciamento social e reclusão domiciliar, uso de materiais como máscaras, álcool, etc., bem como alterações na prestação de diversos serviços públicos (G1, 2020). À respeito dos serviços públicos, trabalhos como de Lacerda (2022), buscaram pensar a relação entre mulheres, cuidado e o Estado em tempos de pandemia. A autora verificou trânsitos diversos tendo como protagonistas as mulheres que buscavam de atendimento médico, responsáveis por operar os cuidados consigo e com familiares em tempos de pandemia, o que se aproxima da análise do presente artigo. Além disso, principalmente as mulheres tiveram que lidar com aquilo que vem sendo chamado de “infodemia”.

¹ Os autores do presente artigo são também orientando e orientadora no projeto de pesquisa de iniciação científica “Narrativas de Mulheres Sobre a COVID-19: um olhar a partir do norte”, que busca compreender as dificuldades socioeconômicas e psicossociais que são vivenciadas, assim como as práticas que são atribuídas às mulheres, sobretudo em uma situação de isolamento social.

Segundo Rui *et al* (2021), a infodemia, que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) acompanhou a pandemia de COVID-19, caracterizou-se pela “velocidade com que novas informações surgiam e o seu compartilhamento em redes sociais e programas de mensagens instantâneas” (p. 29). Mas a infodemia, enquanto fluxo de informações que chega até à população brasileira, não se limitou às redes sociais. Diariamente, os jornais televisivos noticiavam o *status* da pandemia no país, sobretudo utilizando-se de estatísticas. Assim, a pandemia de COVID-19 enquanto um evento global também descia ao dia a dia da população como condicionante da vida.

Passados esses mais de dois anos de pandemia, hoje o Brasil engatinha uma recuperação. “Os efeitos da pandemia variam amplamente e incluem desde impactos diretos na economia e empregos até efeitos indiretos de perdas de aprendizagem entre crianças que estão fora da escola.” (THE WORLD BANK, 2021). Contudo, o mais significativo impacto da pandemia foram as centenas de milhares de vidas perdidas, o que pode gerar outro número ainda maior se pensarmos em quantas pessoas são atingidas direta e indiretamente pela morte de alguém. Desde o início da pandemia de COVID-19 no Brasil até o começo de 2022, foram, de acordo com o Ministério da Saúde, pouco mais de 670 mil óbitos confirmados em decorrência da doença (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Sem dúvidas, essas centenas de milhares de mortes engendram um luto, não só enquanto coisa observada/sentida, mas também enquanto coisa vivida, sem precedentes na história recente do país. Dessa forma, nos remetemos aos seguintes questionamentos: “Como esse luto está sendo vivido? Quais suas especificidades? Quais as implicações da pandemia no processo de elaboração da perda?” entre outros.

Por meio dos diversos relatos durante uma série de entrevistas mensais com duas mulheres nortistas, mães e chefes de família, identificou-se a emergência da temática do luto enquanto condicionante de suas vidas em pandemia, desde a esfera subjetivo-emocional até a esfera socioeconômica. Inicialmente, vislumbrou-se a possibilidade de discutir as narrativas das mulheres a partir de noções de memória, em especial aquela com a qual trabalha o autor Michael Pollak (1989, 1992), para quem a memória não está limitada a um fenômeno individual, mas sim inscrita enquanto uma construção coletiva. Entretanto, a partir da constatação da ausência de elementos nas narrativas das mulheres que embasassem tal sentido de memória – sobretudo na conclusão de que seus relatos não indicavam a existência de uma comunidade moral nos termos de Veena Das, modificou-se o percurso discursivo planejado. Assim, o presente artigo buscará pensar as narrativas

compartilhadas pelas participantes, centradas na experiência de luto que aconteceu e/ou decorreu da pandemia de COVID-19, a partir de noções de Evento, Limite de Mundo e Fragmento advindos da leitura de Veena Das no seu trabalho “Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário”.

Duas Mulheres, Dois Espaços e um Mesmo Tempo:

Francisca², 34 anos, é uma mulher mãe de dois filhos, casada que reside na cidade de Ariquemes, no estado de Rondônia. Francisca residia na casa de sua falecida mãe no período de entrevistas realizadas junto aos seus filhos e sua irmã. Passado algum tempo, sua irmã mudou-se para um apartamento buscando um novo ambiente para recuperação de sua saúde. O companheiro de Francisca é profissional da construção civil e vive de forma intermitente com ela. Ademais, Francisca é militante de diversos movimentos sociais, participando de um projeto de distribuição de alimentos para pessoas de baixa renda (projeto interrompido devido a pandemia). Por sua vez, Fernanda, de 25 anos é mulher mãe solo de um menino de 3 anos que reside em Icoaraci, distrito do município de Belém, no estado do Pará. Fernanda, que esteve desempregada por parte do período de realização das entrevistas, mora no apartamento dos seus falecidos pais, que foi causa do rompimento da relação entre ela e sua irmã.

Essas duas mulheres estão situadas em diferentes e distantes espaços geográficos. Mesmo que pertencentes à região norte, os seus estados, Rondônia e Pará, possuem contextos políticos e sociais muito distintos. Tal consideração dá-se a partir dos seus relatos a respeito da COVID-19: Francisca relata um ambiente no qual os gestores políticos pouco fazem, por exemplo, no que diz respeito às medidas de prevenção à COVID-19 e à baixa adesão da vacinação pela população. Já Fernanda relata um ambiente no qual os gestores políticos são relativamente mais ativos e onde a população aderiu mais amplamente à vacinação contra a COVID-19. Contudo, Francisca e Fernanda compartilham o mesmo tempo - um dos mais traumáticos eventos recentes pelo qual a população mundial está atravessando: a pandemia de COVID-19. O tempo compartilhado por ambas, no Brasil, é também o tempo de graves ameaças à democracia, às instituições, aos programas sociais, ao meio ambiente, tempo de trato negligente dos gestores políticos

² Estão sendo utilizados pseudônimos para preservar a identidade das interlocutoras, tendo em vista a temática sensível abordada.

federais com a saúde pública, educação, fome, etc. Francisca e Fernanda compartilharam conosco suas vivências por meio de narrativas que, englobando diversos âmbitos de suas vidas, ora são extremamente íntimas, ora são completamente políticas no sentido mais amplo.

São diversos os temas que as atravessam e muitos os que as conectam quando pensamos as implicações da pandemia de COVID-19 nas suas vidas. Contudo, em primeira análise, destacou-se para nós a experiência de luto apresentada nos relatos. Francisca perdeu a sua mãe, acometida de um câncer, em 2021. Responsável pelos cuidados de sua mãe, Francisca teve seu processo de luto perturbado pela constante ameaça de contrair o vírus e dificuldade de acesso à saúde pública diante da pandemia. Fernanda, por sua vez, perdeu os pais, praticamente ao mesmo tempo, vítimas da COVID-19, no início do mesmo ano. Jovem e mãe solo, Fernanda teve seu processo de luto dificultado também pela pandemia, que, inclusive, tirou dela a possibilidade de despedir-se adequadamente de seus pais. Temos então duas vivências sobre as quais a Pandemia de COVID-19 teve e tem grande impacto, sendo até mesmo a causadora de uma delas.

Noções a partir de Veena Das

Em “O Evento e o Cotidiano”, capítulo do seu livro “Vida e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário”, Veena Das (2010) parte de conceitos ou mesmo noções de Evento, Cotidiano, Relações, Fragmentos, Limites, Voz, entre outros, para contextualizar o que será apresentado à respeito do seu trabalho desenvolvido com comunidades indianas à época de dois eventos traumáticos: A Partição da Índia em 1947 e o assassinato da primeira-Ministra Indiana Indira Gandhi, em 1984. O que Das (2010) escreveu pode nos ajudar a compreender algumas questões apresentadas por Francisca e Fernanda, de modo que possamos tomar o sentido da experiência compartilhada por ambas: a vivência do luto.

O primeiro conceito empregado por Das (2010), relevante para o nosso trabalho, é o conceito de Evento. Na verdade, o que é particular ao que Das escreve, e que torna o conceito de Evento relevante para entendermos as vivências de Francisca e Fernanda, não é o uso deste determinado conceito, mas sim a forma como se trabalha com o mesmo. Isto é, Veena Das objetiva descobrir como o Evento desce até a vida das pessoas, no seu

cotidiano; como modifica o viver ordinário das pessoas ou como as pessoas modificam o seu fazer cotidiano para poderem viver em meio a um evento traumático.

Minhas reflexões antropológicas e etnográficas têm se baseado em dois grandes eventos, mas o livro não é *sobre* [grifo do autor] esses eventos no sentido que um historiador ou psicanalista poderiam interpretá-los. Antes, ele narra a vida de pessoas e comunidades particulares que estiveram profundamente inseridas em tais eventos e descreve o modo como o evento se prende, com seus tentáculos, à vida cotidiana e penetra os recessos do ordinário. Minha atenção neste livro se dirige, a um só tempo, às mais amplas possibilidades do fenômeno e à singularidade das vidas. (p. 21-22).

À luz do que Das postula, a pandemia de COVID-19 pode ser lida como um evento e sua descida ao ordinário deu-se, sobretudo, por meio dos processos de morte e luto, também vivenciados individualmente por Francisca e Fernanda. Dessa forma, partimos do objetivo de entender como o luto se faz presente no dia a dia das mulheres da nossa pesquisa. Para alcançarmos nosso objetivo, precisamos estabelecer perguntas a serem respondidas. Veena Das nos dá um leque de perguntas possíveis e necessárias: “[...] o que é habitar um mundo? Como alguém torna um mundo o seu próprio mundo? Como se explica o aparecimento do sujeito? O que é perder seu próprio mundo? Qual é a relação entre possibilidade e realidade ou realidade e contingência [...]?” (p. 22). Portanto, propomos perguntas como: Como Francisca e Fernanda receberam o luto? Como convivem com o luto? O que fizeram e fazem devido ao luto?

Outras duas noções trabalhadas por Veena Das, e que estão intimamente ligadas às perguntas elencadas acima, são as de limite do mundo e violência. Apoiada no filósofo Ludwig Wittgenstein, Veena Das postula:

Tomemos a afirmação de Wittgenstein segundo a qual ‘o sujeito não pertence ao mundo; ele é, antes o limite do mundo’. [...] sugiro que, ao pensar o sujeito constituindo o limite do mundo, Wittgenstein propõe que a experiência de ser um sujeito é a experiência de um limite. O mundo não é inventado por mim (como diz o clichê), mas como o torno meu? Como estou, enquanto sujeito, implicado na experiência, uma vez que suponho que não há sujeito preconcebido ao qual a experiência ocorre ou ao qual a experiência pode ser atribuída? (p. 25.).

O que Veena Das propõe é que o entendimento de que o sujeito é uma experiência de limite de mundo, isto é do seu próprio mundo, tem a ver também pelo entendimento de que a constituição do mundo do sujeito passa, em algum sentido, pela agência do próprio sujeito. E sendo limite, todo processo violento orientado para o mundo do sujeito

reverberará em danos de quaisquer ordens sobre esse sujeito. Se a modificação de um mundo dá-se por meio do rompimento do limite desse mundo, o sujeito (que é o limite) será ele mesmo rompido. Daí os fluxos e sintomas advindos dos processos desencadeados por Eventos.

Continuamente, Veena Das questiona ainda a noção de limite do mundo em interface com a violência. Aqui fica mais evidente como é entendida a questão do sujeito tornar um mundo o seu mundo. Das pergunta se “devemos ver a violência como aquela que excede os limites do mundo, do modo como este era conhecido?” (p. 26.) Se a resposta a essa pergunta for positiva, então o evento é uma violência. O luto é uma violência. Em síntese, acolhendo todas as noções, temos que o evento pode ser uma violência a partir do instante que ele interfere e modifica o mundo de uma pessoa, interferência que pode ser mais ou menos danosa. Isto nos leva ao conceito de fragmento empregado por Veena Das. Por fragmento, a autora considera que:

O sentido de fragmento aqui está em contraste com a noção de uma parte ou várias partes passíveis de reunião com vistas à composição de um quadro da totalidade. Diferentemente de um esboço que se pode executar em escala diversa do quadro final que se produz, ou que pode não apresentar todos os detalhes do quadro, mas traz a imaginação do todo, o *fragmento* [grifo da autora] marca a impossibilidade de tal imaginação. Em vez disso, fragmentos aludem a um modo particular de habitar o mundo, digamos, em um gesto do luto. (p. 27).

Esse trecho marca a amplitude que um evento, enquanto processo violento de rompimento dos limites do mundo de um sujeito, pode ter. Fragmentar um sujeito a ponto de a imaginação ser cerceada é uma capacidade de operar violência que está para além de somente interferir ou modificar um mundo. Disso depreendemos, tendo em vista o que Das coloca como impossibilidade de imaginação, que fragmento é um modo específico de estado do sujeito pelo qual é negada a ele a possibilidade de conhecimento e reconhecimento, seja sobre si, seja sobre os outros ou até mesmo dos outros sobre ele. No âmbito do nosso trabalho fica a pergunta: o evento de luto vivenciado por Francisca e Fernanda foi capaz de fragmentá-las?

Luto: Evento e Fragmento

Os processos de luto de Francisca e Fernanda são distintos em seus variados aspectos obviamente. Mas é interessante pontuar três diferenças marcantes entre as suas

experiências, pois são diferenças que afetam a forma como elas acolheram o luto, e em consequência a pandemia, em seus mundos. A primeira diferença diz respeito ao aparato familiar. Francisca perdeu a mãe, mas isso não significou a perda do núcleo familiar. Isto é, Francisca é uma mulher casada com filhos e que residia junto com a sua irmã. Já para Fernanda, a perda dos pais significou a quase anulação do seu núcleo familiar pois, agora, estão no mundo, enquanto núcleo familiar, somente ela e seu filho, uma criança de 3 anos. A segunda diferença deve-se à natureza da morte das pessoas em questão. A mãe de Francisca faleceu devido à um câncer. Já os pais de Fernanda faleceram vítimas da COVID-19.

Por fim, a terceira diferença consiste nos ritos fúnebres. De acordo com Rezende e Coelho (2010), a expressão ritual de despedida é fundamental para o curso da vivência de luto. Assim, sua ausência pode significar uma violência simbólica-emocional à pessoa enlutada. No Brasil, o ritual de luto é, geralmente, realizado no formato nomeado de “velório”, no qual o corpo da pessoa falecida é presenciado publicamente por algumas horas e em seguida acompanhado em procissão até o local onde será enterrado ou cremado. Assim, familiares, amigos, conhecidos, enfim qualquer pessoa que tenha alguma ligação com a pessoa falecida pode empreender seu ritual de despedida. Esse processo foi cerceado pela pandemia de COVID-19. Como doença altamente contagiosa, a pandemia interditou a realização de velórios e mesmo a possibilidade de um breve adeus frente ao corpo falecido. Cenas vinculadas nos noticiários mostram que a prática era de que os corpos de pessoas falecidas decorrente de COVID-19 eram embalados em sacos plásticos e encaminhados ao cemitério, sem a possibilidade dos familiares participarem do processo. Essa foi a realidade de Fernanda que somente foi notificada via ligação telefônica da morte de seus pais. Não houve qualquer contato corpo a corpo, qualquer possibilidade de uma despedida nos moldes acima descritos. Francisca, entretanto, conseguiu empreender um ritual de despedida. O velório, restrito a poucas pessoas, foi realizado em uma área aberta, ou seja, com livre ventilação, debaixo de uma árvore. A cena é descrita por Francisca com muita beleza, pois segundo ela, sua mãe ficaria feliz com o velório, justamente pelo fato de ter sido ao ar livre, ainda que por acaso. Portanto, para Francisca foi dada a possibilidade de despedir-se. Contudo, é importante frisar que a mãe de Francisca faleceu em decorrência de um câncer, enquanto os pais de Fernanda morreram em decorrência da COVID-19, o que explica a diferença substancial entre os rituais de despedida realizados.

É evidente para nós que a principal forma pela qual o evento da pandemia de COVID-19 desce ao ordinário da vida das pessoas foi por meio dos processos de morte e luto vivenciados. Considerando o evento como um acontecimento que surge de imediato ou para o qual não se possuía as desejáveis camadas de proteção, quanto mais impactante for a violação do limite do mundo de uma pessoa mais forte serão as impressões do evento gravadas na memória, fazendo permanecer o evento como parte do mundo ou mesmo como um novo mundo para a pessoa. Francisca, ao relatar o processo de adoecimento da sua mãe e a rápida evolução do seu quadro de saúde para a morte, afirma o impacto sentido:

[...] foi muito rápido. Acho que ela ficou uns cinco dias em casa. Acho que uma semana. Na verdade, só em casa até a gente ir para internação o mais rápido possível. Aí foi uma coisa surreal. É como se ela soubesse que, na verdade, ela ia partir, porque ela falava que não queria morrer. E é muito forte, uma coisa que vai ficar para sempre na memória. Uma tragédia total. [...] – Francisca.

Fernanda, por sua vez, relata o acolhimento do evento de uma forma diferente. Fernanda enfatiza a dor vivenciada no seu corpo, a quebra da rotina do cuidado próprio. Já Francisca fala sobre a casa da mãe, sobre os móveis, o uso dos eletrodomésticos, etc. São esses os elementos que a impactam, gravando na sua memória ou fazendo-a rememorar sempre a morte da mãe. Visto que ela reside na casa que era da mãe, o luto está materializado, quase que literalmente, no espaço da casa. A memória é sobremaneira trazida à baila no seu cotidiano. A irmã de Francisca mudou-se para um apartamento de forma que fosse possível que Francisca tivesse mais conforto para viver com seus filhos e companheiro. Porém, Francisca apresenta uma explicação, se não alternativa, a mais:

[...] ela não está suportando ficar aqui. Ela precisa desse tempo para ela. [...] a casa da mãe da gente, a gente olha, é a mãe da gente. Então tudo aqui é a mãe da gente. As cadeiras é minha mãe, o sofá é a minha mãe. Então tudo aqui é a minha mãe. As cadeiras é minha mãe, o sofá é a minha mãe, a tv, a geladeira, tudo é a minha mãe. Isso tudo é ela que escolheu ela mesmo, tudo ela. Aí é bem pesado. Dói bastante. Tem dias que a gente está bem, tem dias que não. – Francisca.

Desse relato, é interessante notar que, apesar de iniciar a fala como se fosse uma explicação para o caso da irmã, a maior parte da fala de Francisca parece ser um discurso sobre si – o que não é uma inverdade visto que, em uma outra ocasião, ela mesma relatou o seguinte:

Não é fácil. É bem complicado, porque tudo aqui nessa casa lembra ela, tudo é ela que... cada cantinho é um pedacinho dela. Hoje eu consigo... não me conformo com a partida, dói muito, mas consigo conviver ainda com essa dor. Tem dias que eu fico ruim e choro pra caramba, que não adianta ainda [inaudível] para fora, mas está indo. [...] – Francisca.

O luto ainda teve impacto sobre a qualidade de vida de Francisca e Fernanda. Ambas relatam o que podemos considerar como uma desconexão com o ordinário do bem-estar, do cuidado de si, etc. Perguntada sobre como é que foram os dias e semanas após o falecimento de sua mãe, Francisca relatou que:

Foram horríveis, horríveis. Muitos pesadelos. Nós passamos, eu acho, um mês e pouco sonhando com ela morrendo, com ela sofrendo. Foram dias horríveis. [Afetou] Em tudo. No psicológico, no corpo. Muitas vezes eu preferia ficar acordada para não dormir para não sonhar. Para não reviver aquilo de novo no sonho, porque parecia que não era sonho, parecia uma coisa muito real, real mesmo. – Francisca.

Fernanda, por sua vez, relata à respeito de como a morte de seus pais afetou a sua saúde e bem-estar:

Olha, afetou bastante a minha saúde mental, principalmente. E por vários dias depois da morte dos dois, que foi praticamente junto, muito perto. Eu emagreci bastante nesse período e eu deixei de me alimentar vários dias [...]. [...] já tive muitos pesadelos logo que meus pais partiram. Bastante pesadelos com eles [inaudível]. É muito... é emoção, é muito surreal. É uma coisa assustadora que eu nunca imaginei que eu fosse passar.” – Fernanda.

De tais relatos, destaca-se a questão dos pesadelos. Tanto para Fernanda quanto para Francisca, as suas atividades oníricas tiveram e por vezes ainda tem forte influência sobre a qualidade do seu cotidiano. Como Francisca relata em trecho acima, foi preferível para ela em alguns momentos não dormir do que se submeter a possibilidade de revisar, em sonho, cenas com a sua mãe. Os sonhos, a perda da qualidade de vida inscrita na saúde física e mental foram uma série de modos pelos quais o evento do luto agarrou-se ao cotidiano de Francisca e Fernanda. Juntas, essas questões permitiram que o luto realizasse um efetivo rompimento do mundo delas. As dores à época do falecimento de seus entes queridos e a dor ainda existente fazem parte agora do mundo de ambas, foram acolhidas por elas, estando entrelaçadas nos seus cotidianos. Para ilustrar o poder exercido pelo

evento do luto sobre os mundos delas, atentemo-nos ao momento em que Fernanda esteve no mundo, utilizando as palavras de Veena Das, num gesto de luto, em fragmento.

[...] Tentei tirar a minha vida. Não tive sucesso, ainda bem. Pedi socorro e não aconteceu. Mas eu fiquei sozinha e essas tentações suicidas vieram e muito forte. Então, foi um período delicado. Eu passei por muita coisa que eu não desejo para ninguém. [...]. – Fernanda.

Fernanda foi de tal forma violentada, teve o limite do seu mundo extrapolado muito além do aceitável, de forma que não somente houve o cerceamento da imaginação. Houve também a necessidade de cercear a sua vida.

[...] não me achando não, mas eu sou uma pessoa muito forte para dar uma volta por cima. O que me faz ser forte é porque eu gosto de viver, eu adoro a vida. E aquela burrice, que é na verdade um luto, uma dor de tentar tirar a própria vida, era só um grito de socorro, um desespero, uma coisa terrível, mas não era eu [...]. – Fernanda.

O evento do luto definitivamente fragmentou a vida de Fernanda. Se o fragmento é aquilo que também não permite a imaginação do sujeito sobre si, é verdade que Fernanda esteve no mundo como fragmento.

Uma Etnografia sem Contato: reflexões a respeito da experiência de fazer uma etnografia pelo digital em contexto pandêmico

Refletir sobre o exercício etnográfico pode ser, a depender do quão imerso se pretende ir, um exercício etnográfico em si. Certamente, pôr em vista os aspectos de uma prática, pôr em questionamento as perguntas feitas, os caminhos trilhados, as respostas pretendidas alcançadas, bem como e principalmente, as respostas não pretendidas que se fizeram revelar, que perfazem o que a etnografia almeja: compreender a produção de sentido dos próprios interlocutores. Não pretendemos nesta seção imergir tão profundamente, mas esperamos fazer algumas reflexões sobre como ocorreu um trabalho entremeado de diversas variáveis, ou melhor dizendo, um trabalho configurado de modo a ser possível por conta de diversas variáveis. Certamente você que nós lê já tenha entendido que por tais variáveis estamos considerando as limitações impostas pela pandemia de COVID-19.

É agora, neste momento da sua leitura, indispensável que façamos um convite/aviso. O convite que fazemos a você, e que pode ser mesmo entendido como um aviso, diz respeito sobre nossa escolha de construir parte dessa seção utilizando duas vozes do “eu” e não somente a voz do “nós”. Isto pois, como mais a frente ficará claro, a forma como nosso trabalho foi pensado e desenvolvido proporcionou experiências muito distintas a nós autores. É com certa obviedade que constatamos que não podíamos esperar de um trabalho realizado a dois um experiência única. Mas o grau de diferença que houve em diversos momentos entre tais experiências faz impossível que nesse presente texto possamos falar a todo tempo em uma única voz. Assim, você leitor, que será informado quem está a falar em diversas passagens do que se seguirá, está convidado/avisado para um exercício de atenção e mesmo de imaginação.

O trabalho de campo compôs uma pesquisa de iniciação científica que se iniciou em setembro de 2021. Já a escrita do pré-projeto da pesquisa e consecutiva submissão para a aprovação pelo Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal de Roraima (PIBIC/UFRR) deu-se por volta da passagem do primeiro trimestre para o início do segundo trimestre de 2021 – o que compreende época em que a pandemia de COVID-19 havia completado um ano de seu início no Brasil. Estamos, portanto, falando de recortes temporais nos quais fazer pesquisa de campo presencialmente não era possível. Assim, a primeira limitação estava óbvia: a pesquisa precisaria observar o distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. A definição deste modo de fazer a pesquisa, assim como a definição da temática foi ao encontro com o projeto de pesquisa que eu, Manuela Cordeiro, estava desenvolvendo.

O projeto de pesquisa “Efeitos das políticas de isolamento e distanciamento social relacionadas ao COVID-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil” tem como objetivo compreender os efeitos das políticas relacionadas ao COVID-19 na vida de famílias vulneráveis no Brasil. Para tanto, foram consideradas recomendação de medidas como confinamentos e distanciamento social e seus efeitos, populações em situação de pobreza, agravadas pela falta de infraestrutura (água, energia, saneamento básico) e pela presença de violência estatal e/ou do crime organizado. O projeto é co-coordenado por Camila Pierobon, Paula Lacerda e Taniele Rui. Uma escolha necessária para o desenvolvimento da pesquisa consistia nas famílias que seriam as participantes da pesquisa. Igualmente, a escolha das mulheres participantes do nosso empreendimento etnográfico não representou dificuldade, pois já haviam sido construídos laços de amizade em Ariquemes,

durante os anos de doutorado de Manuela Cordeiro, enquanto a família de Belém tinha proximidade pessoal com a pesquisadora.

Isto nos leva a questão da análise das entrevistas e de que modo o contato se deu entre nós autores e as mulheres participantes. Eu, Manuela Cordeiro, como dito acima, vinha realizando ligações via *WhatsApp* com as participantes, estava em alguma modalidade de contato com elas. Eu, Gustavo Andly, não estava em interação com as participantes. O contato que tive ficou limitado às gravações das entrevistas, feitas em áudio, e às transcrições das mesmas. Dessa forma, para ambos, não foi possível qualquer possibilidade de contato corpo a corpo. Parte da empiria que perfaz o fazer etnográfico, conforme Peirano (2014), evoca não seria possível de ser vivenciada. Isto é, os cheiros, os sabores, os abraços seriam todos inacessíveis. Somado a isso, veio a impossibilidade do contato face a face, mesmo que à distância. As entrevistas não puderam ser realizadas por videochamada, mas por meio de ligações, interditando o acesso ao movimento dos olhos, às expressões faciais e quem sabe corporais, o ver do choro que só pôde ser ouvido. O uso de chamadas apenas por áudio ocorreu pela qualidade do sinal de internet tanto na casa das interlocutoras, quanto da própria pesquisadora que reside em Boa Vista. No entanto, podia-se ter acesso imediato às interlocutoras, para repassar uma notícia sobre a pandemia ou mesmo quando elas felizes tiravam fotos dos cartões de vacina sendo preenchidos. O momento de realização das entrevistas variou ao longo do tempo. Ainda quando não tinham trabalhos formais, os horários de entrevista para ambas eram mais flexíveis. Posteriormente, uma delas só podia ser entrevistada no período da manhã e a outra apenas no horário do almoço, fazendo com que dividisse a atenção às perguntas com as tarefas do almoço e do cuidado com os filhos.

Lins, Parreiras e Freitas (2020) escrevem sobre a crescente etnografia digital, isto é, um campo de problematização que vê nas tecnologias digitais um espaço para a investigação antropológica, sendo o digital um espaço onde as pessoas tornam uma extensão da sua vida, desenvolvendo atividades de variadas naturezas. Assim, tais autoras estão a chamar de etnografia digital uma etnografia que não somente se limita a utilizar as tecnologias digitais como ferramenta de trabalho, mas sim a usar como lugar para o olhar do antropólogo, como “objeto” mesmo sobre o qual se refletirá. Nosso trabalho, ao contrário, limitou-se a utilizar a tecnologia digital como ferramenta de trabalho, como forma de acesso às participantes que, como já dito, estavam inacessíveis presencialmente.

A questão do contato leva-nos à ideia de afeto na etnografia, tomando aqui o pensamento de Jeanne Favret-Saada. Para a autora, o afeto é uma dimensão do fazer etnográfico, do trabalho de campo, que se distingue da observação e de forma nenhuma se compraz a um exercício de empatia. É, muito além, uma sensibilidade alcançada na imersão social que possibilita compreender aquilo no qual se está imerso – por isso “ser afetado” (FAVRET-SAADA, 1990). Acontece que, segundo Favret-Saada, alcançar tal sensibilidade dá-se pela escolha de ser afetado e há ainda traços que distinguem uma experiência de real afetação, isto é, se colocar a vivenciar a experiência etnográfica como caminho metodológico trilhado e não se posicionar fora desse exercício simplesmente como autor. A partir disso, eu, Manuela Cordeiro, penso ter sido afetada durante o trabalho de campo. Contudo, eu, Gustavo Andly, tenho dúvidas se fui afetado, e tal dúvida deve-se tanto pela falta de elementos emocionais fortes de ligação com as participantes, quanto pelo modo como ocorreu o meu contato com elas não subscrever aquilo que Favret-Saada prevê como a modalidade de ser afetado. Assim, façamos nossas reflexões conforme a vivência de cada um.

No primeiro momento do projeto de pesquisa acima apresentado, eu, Manuela Cordeiro, realizava ligações quinzenais para as duas interlocutoras. De início, o exercício se tornava algo distante, uma vez que, para garantir a estabilidade da internet, não era usada a câmera, como dito anteriormente. O questionário que foi utilizado ao longo da pesquisa foi o mesmo, apenas com algumas modificações após o início da vacinação. Como o questionário era longo, eu também tentava aliar a participação no projeto, buscando atrapalhar o menos possível os afazeres delas. Após seis meses, as conversas se tornaram mais fluídas e entabulava-se conversas sobre outros tópicos que aquilo que estava estritamente no questionário. Elas mencionavam, se eventualmente eu atrasava alguns dias nossa ligação mensal, que estavam sentindo falta de ter com quem conversar. Desse modo, havia também uma qualidade terapêutica sendo desenvolvida nesses encontros digitais, mesmo que não incentivada por mim. Creio que fui afetada pelas narrativas delas, pois também me posicionei como mulher, residente do norte que atravessava inseguranças quanto à saúde dos pais, irmãos e companheiro, deixando claro minhas angústias para elas, ainda que não fossem decorrentes de um processo de luto. Dessa maneira, construí a experiência de maneira a me aproximar do que Favret-Saada (1990) postula: “Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los”(p.159).

Por minha vez, eu, Gustavo Andly, tenho dúvidas quanto à afetação possivelmente ou não vivenciada durante o trabalho de campo. De forma mais emergente, temos que considerar que para Favret-Saada a modalidade de ser afetado se distingue da observação – e isto para ela é central. Não basta munir-se de um questionário e das respostas daí advindas e então: Eureka! Parece que a autora define mesmo que tal modalidade de trabalho de campo, a observação, impossibilita o alcance da sensibilidade tão necessária ao fazer etnográfico. E, ao meu entender, a posição que figurei no desenvolvimento do nosso trabalho é uma posição de observação e sem ser em tempo real. Como então ser aí afetado? Assim, questiono-me: como falar a partir de uma posição de ausência? Se fui afetado, talvez eu tenha feito etnografia. Se não o fui, há algo ainda a aprender e/ou vivenciar sobre as novas possíveis formas do exercício etnográfico. Aliás, disse acima não possuir elementos emocionais fortes de ligação com as participantes. Penso que isto se deva ao distanciamento existente entre mim e elas. Entretanto, sinto também que tal constatação não seja toda verdadeira.

Considerações finais

Esse lugar que eu, Gustavo Andly, sinto estar, esse lugar de um certo desconcerto no exercício etnográfico é também potente. Estar desconcertado é estar experienciando o estranho. E não é estranhar o familiar uma das bases da etnografia? Quando digo não ter certeza da minha conclusão de que fiz etnografia, afirmo, na verdade, uma inconclusão. E assim sigo. Se há conclusão, é que não sei se fui afetado. Talvez meu desconcerto deva-se a expectativas que criei sobre o fazer etnográfico que quiçá esteja também passando por ajustes e abrindo novas possibilidades. O cenário que pensei pouco tem a ver com a prática etnográfica via digital, seria talvez algo voltado a uma formulação “clássica” da abordagem. Mas a utilização dos meios de comunicação digitais pode ser um agregador para o trabalho do etnográfico, como a possibilidade de acesso recorrente aos interlocutores, estar em diálogo com interlocutores de outras localidades e estados, como foi o caso da presente pesquisa. O debate sobre os “bastidores” da etnografia é profícuo e não apenas perfumaria, de certa maneira retorna à baila atualmente por conta das várias pesquisas que utilizam o meio digital. Essa forma de acesso aos interlocutores não necessariamente descaracteriza a qualidade científica do empreendimento etnográfico e nos lança a novas perguntas sobre os procedimentos metodológicos na antropologia – o

que atualmente significa “estar lá”? Porém, os desafios encontrados, como a conexão instável da internet, denunciam outros aspectos subsidiários à pesquisa, como a desigualdade de infraestrutura, sobretudo no norte do Brasil.

À guisa de conclusão, verificamos que o evento da pandemia de COVID-19, descido ao ordinário por meio da morte e do luto, foi capaz de fragmentar Fernanda. Cerceada sua capacidade de verbalização, Fernanda recorreu à tentativa de suicídio, denunciando estar, naquele momento, sem perspectivas sobre si e sobre o mundo. A violência engendrada pela pandemia, nos termos das bruscas modificações que causou ao cotidiano de Fernanda, sobretudo no que diz respeito à morte de seus pais e a negação de um ritual de despedida apropriado, foram centrais nesse processo. Contudo, no caso de Francisca o evento não foi capaz de fragmentá-la. Como pontuado acima, a mãe de Francisca morreu em decorrência de um câncer. Portanto, o aspecto simbólico, isto é, toda a carga sócio-política e biológica que a COVID-19 poderia vincular à morte da mãe de Francisca não foi operado. Ademais, por não se tratar de uma morte de COVID-19, foi possível à Francisca realizar um ritual de despedida, mesmo que com algumas condicionantes. Mas isto não parece significar que o luto vivido por Francisca e a pandemia de COVID-19 não tenham alguma relação. Precisamos pensar o que significa perder uma mãe em meio a uma pandemia durante a qual, cotidianamente, as redes de cuidado exercidas pelas mulheres são esgarçadas e se é bombardeada por notícias de mortes. Certamente, há de haver aí uma certa implicação.

Referências Bibliográficas:

DAS, V. O Evento e o Cotidiano. In: DAS, V. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. p. 21-42.

FAVRET-SAADA, J. “Être Affecté”. In: Gradhiva: **Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, 8. pp. 3-9. 1990.

G1. **Coronavírus no Brasil: como será a segunda-feira em cada estado após medidas para conter a pandemia**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/15/coronavirus-como-sera-a-segunda-feira-em-cada-estado-apos-medidas-para-conter-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 15/04/2022.

LACERDA, P. Estado, gênero e COVID-19: Trânsitos de mulheres por setores da administração pública em tempos de pandemia. **MANA**, v. 28, n. 1, p. 1-33, 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15/04/2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. 20--?. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 15/04/2022.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 5 n. 10 (1992): Teoria e História.

_____ Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5 n. 10 (1992): Teoria e História, v. 2 n. 3 (1989): Memória.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

THE WORLD BANK. **Impactos da COVID-19 no Brasil: Evidências sobre pessoas com deficiência durante a pandemia**. 2021. Disponível em: <https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/brief/impactos-da-covid19-no-brasil-evidencias-sobre-pessoas-com-deficiencia-durante-a->

[pandemia#:~:text=Os%20efeitos%20da%20pandemia%20variam,pela%20pandemia%20da%20COVID%2D19](#). Acesso em: 15/04/2022.

RUI, T.; FRANÇA, I. L.; MACHADO, B. F.; ROSSI, G.; ARRUTI, J. M. Antropologia e pandemia: escalas e conceitos. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 59, p. 27-47, jan./abr. 2021.